

ARTES

EXPOSIÇÃO

# Um panorama às avessas

MAM/SP abre com muitas inovações sua tradicional mostra sobre a arte brasileira

ELAINE BITTENCOURT  
de São Paulo

A polêmica foi lançada. A partir de hoje, o público poderá conferir a tradicional exposição "Panorama da Arte Brasileira (desarrumado) 19 Desarranjados", realizada pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), que este ano está repleta de novidades. A situação é intencional e o debate não só é esperado, mas também bem-vindo, como deixa claro o curador do evento, o cubano Gerardo Mosquera. Aliás, a escolha de seu nome para o cargo já é um sinal dos novos tempos: em toda a história da mostra, realizada pela primeira vez em 1969, esta é a primeira vez que um estrangeiro foi designado para essa função.

Mosquera deixa claro que entendeu o convite do MAM como um desejo implícito de mudança por parte da instituição. Aceitou a curadoria imaginando balançar as bases consolidadas pelo "Panorama" em seus 35 anos de existência. De acordo com o plano, sugeriu consideráveis modificações na estrutura da mostra.

Ao menos duas delas são controversas, exatamente como ele queria. Em primeiro lugar, o "Panorama" agora tem um tema. Como explica o curador: "Esta é uma exposição com um conceito. Não é um panorama, é um "Panorama" antipanorama. Não busca oferecer um survey da arte brasileira, mas foi concebido como uma mostra em si mesma".

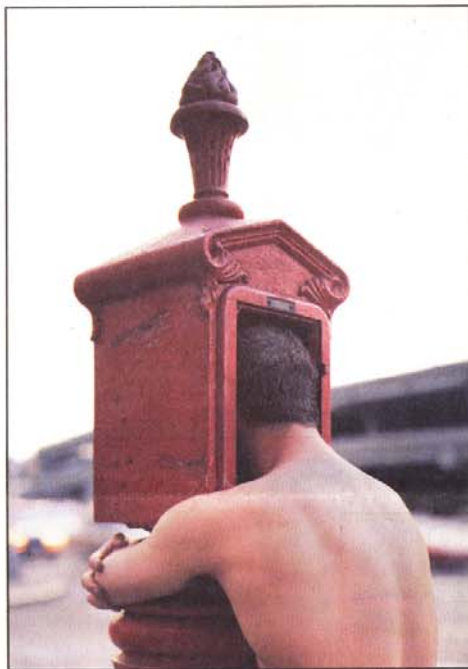
O tema foi escolhido inspirado na nossa tradição de arte construtiva, que se manifesta com uma força muito particular, inclusive nas novas gerações. "Muitos artistas brasileiros tendem a criar estruturas, ordenar componentes de caráter serial, trabalhar por adição de unidades. (...) alguns artistas criam suas obras mediante o recurso formal e conceitual de desarranjar uma estrutura", escreve o curador no catálogo. E como se todos perseguissem um ideal de negação da estrutura, o que imprime, segundo Mosquera, uma marca muito particular ao Brasil.

De acordo com essa percepção é que ele fez a escolha dos artistas. Sem se prender a dicotomias óbvias, como jovens ou velhos, consagrados ou emergentes, vivos ou mortos, Mosquera diz que somente buscou aqueles cujas obras estivessem ligadas à idéia do "desarranjo", essa tendência que ele identificou como orientação da arte brasileira atual.

A procura resultou numa mostra pequena, o que nem de longe segue a linha dos "Panoramas" anteriores. Nunca houve um número tão reduzido de artistas: todos os espaços do MAM serão ocupados por apenas 21 criadores, dos quais quatro, na verdade, formam duas duplas. A análise



As capas de discos criadas por Levitan e Moreira, como "My Favorite Things", estarão expostas numa loja de CDs



A esq., auto-retrato de Villar; à dir., performance idealizada por Adriano e Fernando Guimarães

dos selecionados mostra a veracidade das afirmações de Mosquera. Nomes consagrados ganharam espaço, como Leonilson, Cildo Meireles, Vik Muniz e Ernesto Neto e Adriana Varejão, entre outros, por suas propostas. O curador justifica algumas dessas presenças: "Leonilson é um 'morto muito vivo' para a arte brasileira. Cildo Meireles sempre surpreende pelo frescor de suas criações". O projeto de Meireles, aliás, cai como uma luva dentro do conceito de desconstrução do construtivismo: ele mostra 16 "escadas" com degraus em diferentes dimensões. Ernesto Neto, por sua vez, foi um dos que receberam do curador um desafio: no seu caso, uma intervenção na célebre "Aranha" de Louise Bourgeois, obra em exposição permanente no MAM. Já Adriana Varejão criou

uma obra em azulejos para cobrir o corredor que o museu costuma reservar ao "Projeto Parede".

Algumas das escolhas de Mosquera refletem o conhecimento prévio que ele tem da arte brasileira contemporânea, com a qual, apesar de estrangeiro, ele está bastante familiarizado. Afinal, ele até mesmo teve participação como curador da sala dedicada ao também cubano Wifredo Lam, na 23ª Bienal de São Paulo, em 1996. Alguns artistas, por exemplo, ele conhece a fundo, como Cildo Meireles, sobre quem já realizou uma mostra retrospectiva.

Mesmo com essa experiência, o curador resolveu pesquisar o assunto mais a fundo. Nesta missão, lançou-se numa série de viagens pelo País, seguindo um roteiro desenhado sob orientação do MAM e de colegas brasileiros. Visitou 11

cidades e observou o trabalho de mais de cem artistas. Diante da imensidão do Brasil, optou por fugir um pouco do eixo Rio-São Paulo. E foi dessa peregrinação que resultou a concepção da mostra. As viagens, segundo Mosquera, foram fundamentais nesse sentido. Inclusive pela possibilidade de descobrir, nos cantos mais remotos, artistas produzindo uma arte atenuada com as tendências internacionais, ao mesmo tempo que carregam sempre traços da herança artística brasileira.

Ele apresenta assim, por exemplo, a dupla Lucas Levitan e Jailton Moreira, do Rio Grande do Sul. Eles, inclusive, são responsáveis por outra inovação do curador. O "Panorama" deste ano não estará restrito aos espaços do Museu. No caso deles, suas capas de CDs com parceria falsas, como en-

tre Milton Nascimento e Sepultura, estarão numa loja de CDs (que até o fechamento desta edição ainda não havia sido definida). Outras simplesmente avançam pelo Parque Ibirapuera, caso do trabalho de José Guedes, que alargará a faixa de pedestre localizada entre o prédio da Bienal e o MAM. O paulista Paulo Klimachauska terá obras expostas na Pinacoteca do Estado e no Museu do Ipiranga (em frente ao famoso quadro "Independência ou Morte", de Pedro Américo).

Como se vê, a exposição terá de tudo um pouco, vídeo, colagem, fotografia. Haverá inclusive performances. Duas delas foram concebidas por uma dupla de Brasília. Em uma delas, Adriano e Fernando Guimarães desafiam os limites da respiração ao mostrar atores submergindo em um tanque com água e numa câmara-de-ar. Em outro trabalho, eles convidam o público a observar a mostra com uma nova percepção: além de cobrir um dos olhos do visitante com um tampão, pingam no outro um colírio que altera a visão.

Mas nem todos os artistas são tão próximos do Brasil. Alguns vivem longe daqui, como Alex Villar, que construiu uma carreira em Nova York, mas é bastante desconhecido por aqui. Ironicamente, será apresentado aos seus conterrâneos pelas mãos de um cubano. Ele se mostrará, literalmente, em sete auto-retratos, cujos cenários são espaços urbanos que costumam passar despercebidos.

Mosquera também aumenta a dose de polêmica que deve cercar a mostra ao convidar alguns estrangeiros que, acredita ele, estão sintonizados com o modo de fazer arte no País. Nesta categoria estão a obra do argentino Jorge Macchi, uma intervenção no mapa-múndi; três vídeo-performances da chinesa Kan Xuan e as oito monotipias do belga Win Delvoeye.

A escolha de tão poucos artistas, e de estrangeiros, surpreenderia caso este fosse um "Panorama" convencional, concebido de acordo com o significado mais estrito da palavra. Mas como se trata de uma mostra temática, insiste Mosquera, a escolha parece coerente com seu projeto de planejar uma mostra cujo interesse estivesse além das nossas fronteiras. "Tudo está de acordo com a minha vontade de que o 'Panorama' viaje para outros países. Por isso, esta não é uma mostra burocrática. Quis fazer uma exposição que tivesse seu próprio discurso e pudesse competir internacionalmente", diz ele.

Por ora, esse desejo ainda depende de negociações. Segundo o curador, estão sendo mantidas conversas com diversos museus do mundo, em Nova York, Los Angeles, Bogotá, além de algumas capitais da Europa. Outras cidades do Brasil também vão conferir a mostra, como o Rio de Janeiro. A exposição será aberta dia 16 de dezembro, no Paço Imperial. ■

**Panorama da Arte Brasileira 2003**  
MAM, parque Ibirapuera, portão 3.  
Tel.: (11) 5549-9688. Terça, quarta e sexta, 12h às 18h; quinta, 12h às 22h; sábado e domingo, 10h às 18h. R\$ 5.

Horário das performances de Adriano e Fernando Guimarães: Sábado (18) e domingo (19), 13h30, 14h, 15h30 e 16h. Dias 29 e 30 de novembro: 13h30 e 14h.